



Educação do Campo: práticas educativas na Educação Básica

Caderno Temático do II SIEC

EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS COM AS NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO, NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria do Socorro Dias Pinheiro¹
Universidade Federal do Pará
Campus Universitário de Altamira

RESUMO

Educação do campo e suas práticas educativas com as novas tecnologias da comunicação no ensino fundamental expõe parte de algumas reflexões que emergiram a partir de uma temática decorrente de um projeto de pesquisa onde se desencadeou estudo, pesquisa e intervenção que teve como objeto de estudo as práticas educativas na educação do campo, a partir das novas tecnologias da comunicação. Objetivou-se conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas na educação do campo por meio das tecnologias da comunicação, com ênfase expressiva na informática educativa intervindo na formação. Empregou-se a pesquisa de campo e a exploratória, se utilizou da observação in lócus e da entrevista com sujeitos do ensino fundamental que desenvolviam ensino e aprendizagem em laboratório de informática em escolas do campo. E como resultado se apresenta a vivência de uma prática educativa empregando o computador e o celular como tecnologias da comunicação na educação e uma proposta de intervenção.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas Educativas; Educação do Campo; Novas Tecnologias.

ABSTRACT

¹Professora do magistério superior, do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e da Pedagogia. Pesquisadora temáticas relacionadas a educação do campo. Integrantedo grupo de pesquisa em educação do campo na Amazônia - GEPERUAZ. O texto foi aprovado e publicado inicialmente no e-Book do II SIEC;E-mails: sdias@ufpa.br esocorrodias10@yahoo.com.br

Rural education and their educational practices with the new communication technologies in primary education exposes part of some reflections that emerged from a thematic result of a research project which was triggered study, research and intervention that had as object of study practices education in rural education, from new technologies of communication. Aimed to meet the pedagogical practices developed in the education field by means of communications technology, with a significant emphasis on educational computing intervening in training. fieldwork was employed and exploratory, he used the observation in locus and subject interview with the elementary school that developed teaching and computer lab learning in the field schools. And as a result presents the experiences of an educational practice using the computer and the mobile phone as communication technologies in education and a proposal for intervention.

KEYWORDS: Educational Practices; Rural Education; New technologies.

INTRODUÇÃO

Se vive atualmente de norte a sul, de leste a oeste em um contexto planetário que vem sendo absorvido pelo campo das comunicações. Em todo lugar, as pessoas buscam formas cada vez mais rápida de se comunicar. As formas de se comunicarem no contexto contemporâneo são sumamente diferentes de épocas anteriores. A comunicação no mundo atual se modificou imensamente com o crescimento das novas tecnologias da comunicação que tem alcançado os diversos e diferentes lugares do planeta e no Brasil isso não é diferente.

Embora essas mudanças tenham avançado bastante no cenário brasileiro, parte da população tem dificuldades para acessar esses bens, produtos ou serviços sociais oriundos das novas tecnologias da comunicação, instrumentos presente em nosso país, todavia não estão ao alcance de todos, e parte da população que se beneficiam destes bens, produtos e serviços não desfrutam de um nível de qualidade igual em relação a um grupo minoritário que detém o poder econômico e dominam esse mercado.

Os povos que vivem e residem em áreas rurais deste país, sobretudo no Estado do Pará, o acesso a essas tecnologias é agravante por uma série de motivo. Mesmo com o projeto luz para todos, existem diversas comunidades campesinas que essa política ainda não chegou. E provavelmente ainda irá demorar. E nas localidades do campo que desfrutam de tecnologias como o computador, celulares e internet, lamentavelmente o acesso a essa tecnologia da comunicação é ínfimo e sem qualidade. Há localidades

rurais no Pará, que o único acesso à comunicação se dá por meio do rádio, um meio de comunicação que se tornou um dos mais populares neste contexto social.

Também o que é o campo na interpretação de alguns? Um lugar do atraso, de povos sem cultura, sem necessidade de comunicação via as novas tecnologias. Por isso, os sinais de comunicação para este setor da sociedade são tratados com descaso por parte das políticas públicas governamentais inclusive pelo setor privado que por sua vez, se preocupam com investimentos nessa área onde se tem interesse para grandes projetos capitalista, em particular para áreas do agronegócio.

Desse modo, gradativamente não somente a política econômica local ou global vem se transformando, mas as relações interpessoais diretas são constantemente de alguma maneira afetada, por conta das relações virtuais que ao invés dos contatos direto tornam-se desnecessárias uma vez que, por meio de um aparelho de celular ou um computador com acesso à internet se consegue desenvolver formas de comunicação e serviços inexistentes em outros momentos da história da humanidade.

Esse formato de desenvolvimento tecnológico tem forçado as novas gerações e aos que quiserem acompanhar esse ritmo acelerado de crescimento tecnológico, obterem conhecimento interligado ao mundo cibernético da comunicação via internet. E, nesse contexto a função dos computadores e, sobretudo, os celulares passam a ter uma significação de valores específicos no mundo atual.

Nessa perspectiva, cabe justificar que o estudo e debate sobre essa temática é recente na formação dos educadores das licenciaturas, especialmente no Campus Universitário de Altamira-UFPA, onde se pode dizer que alguns cursos, ainda não agregam na formação de educadores, nenhuma discussão sobre essas questões e nem mesmo algumas secretarias de educação tem colaborado em relação a essa necessidade.

Por conta disso, o curso de licenciatura em pedagogia voltado para os anos iniciais do ensino fundamental e a licenciatura em educação do campo que tem a responsabilidade de formar educadores para os anos finais do ensino fundamental e médio, alteraram o seu projeto pedagógico e inseriram-se em seu currículo, disciplinas que contemplam a área das tecnologias. Após essa inserção, estudos e discussões passaram a ser parte relevante da prática docente em sala de aula, na formação do ensino superior, possibilitando estudo, reflexões críticas, pesquisa e quando possível

intervém na formação em serviço de educadores do campo, que já desfrutam destas tecnologias.

Essa iniciativa viabilizou conhecer como se contextualizam as vivências pedagógicas nas escolas de ensino fundamental com a inserção dos laboratórios de informática. E possibilitou identificar como se dá processo de ensino e aprendizagem no cotidiano de algumas escolas da cidade de Altamira, adentrando posteriormente no cenário de escolas do campo incluindo a casa familiar rural do município de Anapu/Pará.

1. A informática educativa e a formação dos educadores na escola do campo no ensino fundamental

A informática educativa é a denominação utilizada para definir que o computador é uma ferramenta que pode ser empregado no contexto educacional para se desenvolver não somente o processo de ensino e aprendizagem, mas também como facilitador da comunicação. Essa expressão obviamente se refere ao contexto educacional diferenciando assim, dos demais setores sociais onde se utiliza a informática para finalidades diferentes. Com isso, se identifica que informática na escola pública vem gradativamente sendo implementada – diria imposta - como um instrumento importante e necessário a aprendizagem do alunado. Não se pode negar a importância dessas novas tecnologias, mas também não se pode dizer que tenha aceitabilidade natural por parte da escola; e nem que a inclusão destas tecnologias seja a tabua da salvação da educação.

Sabe-se, contudo, que essas novas tecnologias não estão ao alcance de todos. Numa conjuntura em que se predomina o sistema capitalista, a criação e crescimento de produtos pertencentes às novas tecnologias, como computadores, celulares, tablete, notebooks e outros, tem sentidos e significados que logicamente perpassam também pelos interesses mercadológicos. Essas ideias se confirmam ao observar os estudos de Gómez (1999) que, em seu artigo relata:

O sociólogo inglês da cultura, Raymond Williams, em seu livro O ano 2000 afirma que o desenvolvimento tecnológico tem dependido historicamente não de decisões técnicas, mas de decisões políticas e econômicas e nos últimos anos tem dependido - eu agregaria -

sobretudo de um particular tipo de decisões econômicas: decisões do mercado, dos mercados internacionais. (p. 58).

Essas ideias provocantes nos faz refletir, sobre o papel da informática na escola pública indagando-nos sobre qual o verdadeiro sentido e significado de se implementar laboratórios de informática nas escolas? Será para viabilizar qualitativamente o processo de ensino e aprendizagem ou será para fortalecer a economia de mercado excludente? Muitos educadores temem serem substituídos por essa parafernália de máquinas e uns, até ignoram sua existência na escola. Outros se utilizam somente para colocarem os alunos para pesquisar, enquanto alguns mais receptíveis e desconfiados procuram estudar sobre o assunto para melhor usufruir destes recursos de forma consciente, criativa e crítica. É desgastante pensar que o encaminhamento destas tecnologias está atrelado às decisões políticas e a uma economia de mercado, pois quando essas definições se agregam a interesses mercadológicos fica muito mais complexo um atendimento qualificado.

Embora os computadores tenham chegado às escolas com essas e outras complexidades, no cenário atual terem acesso à informática na escola é agregar direitos a bens e serviços. Infelizmente a situação das escolas do campo quanto à informatização é mínima. As escolas que receberam esses equipamentos, umas organizaram um espaço em sua maioria bem pequeno somente para colocar os computadores que são cobertos para não ficarem empoeirados. Ninguém pode tocar, a não ser um técnico em informática que particularmente na escola do campo esse profissional tão esperado, nunca chega. Em outros foram colocados no chão e a poeira tomou conta. E mesmo onde os computadores estão organizados adequadamente em um espaço, com boa instalação e até central de ar, na maioria das vezes a utilização do espaço é feita por um técnico em informática que somente orienta os estudantes a fazerem alguma pesquisa.

As escolas do campo ou da cidade do município de Altamira e Anapu com laboratório de informática, utilizado especialmente por professores para trabalhar algum conteúdo de suas disciplinas são poucos. Isso é fato no Estado do Pará mais precisamente na região da Transamazônica e do Xingu, território no qual se constrói a hidrelétrica de Belo Monte, algumas escolas do campo receberam computadores. Uns com péssimo acesso à internet, outros sem nenhum. Na maioria das escolas do campo, os educadores não receberam formação alguma para usufruir destes equipamentos no

desenvolvimento de suas aulas. Essa situação nos remete a concordar com o autor que afirma:

Esta compreensão crítica do desenvolvimento tecnológico na história mundial supõe entender que o motor da tecnologia não é a descoberta científica nem sequer a descoberta tecnológica em si mesma, mas sim a particular mediação política no desenvolvimento dos mercados das forças de poder opostas, tanto em nível local, regional como, sobretudo agora, em nível mundial. (IDEM, p.58).

O mercado não está preocupado com aprendizagem, com direito a bens culturais. Sua preocupação é captar recursos financeiros dos produtos oferecidos com o desenvolvimento de uma determinada tecnologia. Deparamo-nos com uma realidade que reconhece o acesso as novas tecnologias como um direito a bens, serviços, ao acesso a comunicação, a outras linguagens, mas por outro lado se camufla ou mascara essa possibilidade não oportunizando a todos esses benefícios.

Esse fato na escola do campo, não é uma situação decorrente somente do contexto atual. Anos atrás ocorreu algo semelhante, com a introdução de outros produtos tecnológicos encaminhados as escolas especificamente quando se criou a TV Escola. Boa parte das escolas do campo e da cidade receberam os kits tecnológicos compostos por uma televisão, um vídeo cassete e uma antena parabólica, por exemplo.

Em algumas localidades do campo no Pará, sequer ousou-se utilizar esses equipamentos posto que, especialmente os educadores não dominavam nem as técnicas de utilização do aparelho de vídeo cassete quanto mais usufruírem destes, para qualificar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Escutei depoimento de um educador do campo que assim relatava: *“professora, mandaram pra nós esses equipamentos para a gente trabalhar com os alunos. Mas a senhora sabe, ninguém ensinou a gente a mexer com esse tal de vídeo cassete. Tenho medo de danificar e não ter dinheiro pra pagar, por isso nem toco nisso”*.

Isso parece ser algo inacreditável no mundo atual. Mas infelizmente ainda se constata situações como essa, nas escolas de nossa região. Isso se repete novamente na nossa história, com a criação dos laboratórios de informática na escola do campo. E revela o descaso que se faz com a formação continuada dos educadores do campo. É muito fácil criticar os professores e culpabilizá-los de todos os problemas decorrentes do processo de ensino e aprendizagem envolvendo a escola. Assim como é relevante

observar, que a ausência de formação continuada contribui também para que a educação continue sem qualidade.

2. As políticas e práticas educativas presentes na educação do campo

A formação continuada tem sua importância. Não basta alguém ensinar o professor tecnicamente a ligar e desligar o equipamento de forma segura e responsável. É importante saber ensinar, construir, produzir criticamente novos conhecimentos se utilizando dessas tecnologias, e não somente colocá-los na escola e deixar que o professor aprenda por si mesmo. Apesar de muitos educadores fazerem isso.

As políticas públicas são direito de todos os brasileiros, e a educação escolar e tudo que nela deveria se encontrar também, deveria estar incluído nessa política de acesso, como direito constitucional. Mas, o que se observa constantemente é que continuam criando mecanismos de exclusão dos povos do campo. Pois, quando se oferta uma escola para o campo, na maioria das vezes, são péssimas a infraestrutura e os recursos didáticos quando existem são insuficientes para as atividades, não há uma biblioteca para leitura e estudo na maioria das escolas do campo e quando encaminham tecnologias para as escolas do campo, não há a mínima preocupação em oferecer formação em serviço para os educadores.

Contudo, no cenário educacional, gestores e professores de escolas tem não somente o dever de receber os equipamentos, mas também o direito de a priori conhecer e saber fazer uso destes produtos para o desenvolvimento mais dinâmico, crítico, criativo e qualificado do processo de ensino e da aprendizagem.

A conjuntura atual reconhece que o acesso a determinados equipamentos tecnológicos de comunicação tornou-se uma necessidade humana. Embora seja um direito a apropriação de bens, serviços e produtos das novas tecnologias da comunicação, sabe-se, contudo que nem todos têm acessos aos novos instrumentos tecnológicos embora, se tenha evidências de um acirrado crescimento que na última década interferem diretamente o cotidiano da realidade atual. Encontram-se nesta disputa os equipamentos que compõem a informática, ou seja, o instrumento popularmente denominado de computador, celulares e outros.

Uma máquina construída para facilitar o trabalho humano de armazenamento e processamento de dados é também um instrumento facilitador da comunicação virtual e de muitos outros serviços. Com uma máquina como essa, se constrói diversas coisas, a mais simples delas a digitação de um texto, produção de uma planta de prédio, um desenho qualquer, etc.

Com o surgimento da internet, essa imensa rede de comunicação transformou os computadores e outras ferramentas tecnológicas na mais veloz comunicação do planeta e com sua agilidade facilitou imensamente o acesso a bens, serviços e produtos em uma velocidade surpreendente. Isso favorece a todos que podem ter essa tecnologia e contribuí principalmente para o crescimento econômico do sistema capitalismo que por meio das grandes empresas produzem diversos e diferentes produtos para o mercado consumidor que geralmente um produto se torna descartável, como os celulares (iphone) da apple dentre outros. Todavia tanto os computadores quanto os celulares interligam-se a internet e realiza um processo de comunicação fantástico possibilitando as gerações o contato imediato com as notícias, e-mails, redes sociais, sites, blogs e outras formas de comunicação que viabiliza a interação com qualquer pessoa do planeta.

Entretanto, é importante retirar a venda dos olhos para enxergar que: “As tecnologias invadem os espaços de relações, mediatizando estas e criando ilusão de uma sociedade de iguais, segundo um realismo presente nos meios tecnológicos e de comunicação”. (PORTO, p. 43, 2006). Nessa perspectiva, compreende-se que não é possível esquecer que a sociedade na qual vivemos é composta por toda uma diversidade plural, no qual todos devem ser considerados como pertencentes da mesma sociedade. Para Gómez (1999):

Neste novo século as novas tecnologias de informação, ao mesmo tempo em que abrem uma série de possibilidades para um intercâmbio mais eficiente e variado de conhecimentos. Abrem também um cenário preocupante para o futuro de nossas sociedades. É um cenário preocupante, porque quanto mais benefícios e promessas de desenvolvimento humano podemos inferir das novas tecnologias, mais esferas da vida cotidiana, política, econômica, profissional, cultural e social são afetados e, portanto, requerem mais nossa atenção (p. 57)

Constituiu-se um cenário onde se configuram um acelerado processo de mudanças, desenvolvido pela inserção das novas tecnologias que adentram os espaços sociais do mundo contemporâneo que embora excludentes os diversos produtos

tecnológicos de comunicação têm ocupado espaços não somente no mundo do trabalho, mas no cotidiano da vida das pessoas. Ao falarmos do computador identifica-se que este se tornou um equipamento corriqueiro no meio social e gradativamente todas as áreas fazem uso deste instrumento tecnológico e provavelmente todos terão que aprender a manipular ou no mínimo conviver com sua presença deste produto no seu dia a dia.

Na educação isso não será diferente. Isso é fato na política de educação brasileira com a implantação de infocêntricos e os laboratórios de informática em muitas escolas da educação básica do nosso país e na nossa região. Todavia, embora se conheça serem funções principais do computador armazenamento e processamento de dados, não podemos esquecer que o mesmo não foi criado com uma finalidade pedagógica.

Neste sentido, faz-se necessário analisar criticamente esta ferramenta frente às teorias e práticas educacionais em vista do bom uso deste recurso, com a consciência deste possibilitar acesso rápido ao conhecimento não como uma máquina de escrever, ou de armazenamento e processamento de dados e sim como uma tecnologia que se destine em possibilitar a construção de uma educação criativa, dinâmica e crítica que auxilie o processo de ensino e aprendizagem na relação professor/aluno.

Pensa Valente (1993, p.16) que “na educação de forma geral, a informática tem sido utilizada tanto para ensinar sobre computação, o chamado *computerliteracy*, como para ensinar praticamente qualquer assunto por intermédio do computador”. Isso é um fato relevante, sobretudo para o contexto educacional.

Contudo, na pesquisa realizada em escolas dos municípios de Altamira e Anapu constatamos que existem alguns laboratórios de informática instalados em sua maioria nas cidades e uma parte menor nas escolas do campo; Parte desses laboratórios sem acesso à internet em ambos os territórios; constatou-se ainda que, poucos são os educadores do ensino fundamental que utilizam de tais instrumentos tecnológicos.

Observou-se a partir das entrevistas que a não utilização destes equipamentos tecnológicos não decorre da má vontade ou de indisponibilidade dos educadores do ensino fundamental, mas de uma política de formação local que priorize a formação dos educadores numa perspectiva que viabilize o repensar pedagógico do espaço escolar em vista de uma prática educativa que favoreça interação entre o processo de ensino e aprendizagem e essas novas tecnologias. Isso significa pensar a informática não como um instrumento meramente técnico e sim educativo.

Nisso se constitui a diferença da informática educativa. Para Borges (1999, p.136): “a informática educativa se caracteriza pelo uso da informática como suporte ao professor, como um instrumento a mais em sua sala de aula, no qual o professor possa utilizar esses recursos colocados à sua disposição”. Mas o que se percebe na maioria dos casos é que alguns gestores municipais encaminham os computadores para as escolas e, em alguns lugares até se organiza um espaço para colocar as máquinas que em muitos casos denominam de laboratório de informática, mas estes produtos em algumas localidades do cenário campesino ficam carregados de poeiras sem utilização alguma por parte da escola.

Constatou-se que os sujeitos do campo mesmo sem acesso a informática educativa têm apresentado interesse em aprender a partir das tecnologias. Há muitas escolas do campo que a informática não está presente. Mas por meio do aparelho do celular educadores tem desenvolvido produção de conhecimento com os estudantes do ensino fundamental.

O campo é um território rico de cultura e, as pessoas que compõe esses territórios são dotadas de aguçada cognição para aprender e guardar na memória retratos de sua identidade, de sua história apreendida com ou sem acesso as novas tecnologias. Eduardo Chaves (1999, p. 01) explica que:

Há muitas formas de compreender a tecnologia. Para alguns ela é fruto do conhecimento científico especializado. É, porém, preferível compreendê-la da forma mais ampla possível, como qualquer artefato, método ou técnica criado pelo homem para tornar seu trabalho mais leve, sua locomoção e sua comunicação mais fáceis, ou simplesmente sua vida mais satisfatória, agradável e divertida. Neste sentido amplo, a tecnologia não é algo novo - na verdade, é quase tão velha quanto o próprio homem, visto como homem criador (*homo creator*).

Ao expor esse pensamento se evidencia melhor, o conceito de tecnologias como uma criação humana, para facilitar sua vida no mundo que o cerca. Dito dessa forma alarga-se o mundo das ideias e nos faz perceber que no território de vicinais ou de áreas ribeirinhas, quilombolas, indígenas, das matas e florestas, etc. da Amazônia Paraense existem um povo com uma cultura própria, rica de conhecimentos e saberes oriundos de suas vivencias com a natureza e com o mundo que o cerca e dessas experiências e práticas emergiram outras formas tecnológicas própria de viver e

sobreviver na realidade do campo. Essa discussão foi denominada por Brandão como educação, aquela que se aprende fora dos padrões e normas escolares.

Esse modelo de educação os faz mergulhar constantemente no universo de aprendizagens e permite-lhes produzir práticas inovadoras para lidar com a terra, a água, a floresta e a vida na sua diversidade, garantido a sobrevivência desses povos. Com o surgimento das novas tecnologias como o computador, celulares e a internet, por exemplo, seus textos que se expressam por meio de suas representações por mais simples que seja ressurgem a partir da cultura local e viabiliza maior interação com seu contexto e o coloca no cenário de aproximação com os outros.

Durante a pesquisa observou-se que uma das escolas tem o laboratório sem internet, mas ninguém ainda havia se utilizado dos equipamentos; esperava um monitor – um técnico na área da informática – Na segunda escola o laboratório é maior, tem internet de qualidade inferior e os professores costumam passar atividades de pesquisa para os alunos que são orientados por um técnico da área.

No estudo sobre laboratório de informática se percebe que a atribuição do uso destes tem sido desgastante e direcionado a uma pessoa especializada no assunto. Isso deixa os educadores fora, excluídos deste contexto. Na verdade o laboratório de informática criado para um profissional específico da área. Sabe-se que as secretarias de educação contratam profissionais para assumir este espaço e que decorre dessa situação em vários locais é o não aproveitamento adequado do espaço pelos educadores. Não somente para um profissional pode ocupar esse espaço. Os educadores se utilizar desse espaço para suas aulas. Ocorre geralmente que o espaço denominado laboratório de informática se desenvolvem funções isoladamente. O laboratório é um espaço para os educadores em conjunto com o profissional destinado ao trabalho no laboratório desenvolver o planejamento e materialização de aulas neste local.

Isso foi perceptível ao observar educadores realizando atividades no laboratório. Uma professora desenvolveu um projeto de trabalho para o laboratório se utilizando do computador e de alguns celulares de seus alunos, nos quais uns tinham acesso à internet. A professora solicitou que fotografassem com o celular no entorno da escola algo que lhe agradassem, que fosse de seu interesse. Os estudantes do ensino fundamental empolgados com a ideia saíram fotografando plantas, flores, folhas, animais, a escola, dentre outros.

No retorno da ação, a professora explicou que iriam transferir a imagem ao computador. Indagou para saber quem sabia fazer essa ação e muitos responderam saber fazer. Pediu que ajudassem aos colegas. Explicou que ajudar não é fazer a ação do outro é ensinar a pessoa. Os que dominavam esse saber colaboraram enquanto a professora e o monitor (técnico) orientavam outros.

Ensinou aos que não sabiam transferir imagens, para o computador. Observou-se que, alguns celulares transfeririam imagem por meio do cabo USB. Por conta disso, uns se utilizaram do bluetooth. Outros aparelhos não tinham condições de realizar a atividade, alguns não tinham celulares e os colegas emprestavam depois de salvar as imagens no computador ou diziam à professora que lá tinha imagens de outros colegas.

Em seguida, perguntou quem gostaria de falar da sua imagem ou explicar por que escolheu? Depois de escutar o comentário de alguns, solicitou que escrevessem tudo que conheciam sobre aquela imagem capturada. A professora, o monitor e pesquisadores iam ajudando na escrita ortográfica. Dentre tantas frases interessantes, escritas pelos alunos do 4º ano do ensino fundamental, duas foram escolhidas para citar: Uma aluna escreveu: *“Gosto de flores elas deixam a minha casa mais bonita. E muitos animaizinhos visitam as flores da minha casa. Eles também gostam das flores. Vêm borboletas, abelhas e até as formigas. A formiga me ferrou quando peguei na folha da planta”*.

Às vezes as preocupações maiores da escola e de alguns educadores se concentram em “[...] ‘dar o conteúdo’ e defender sua sobrevivência”. (VASCONCELOS, 2004, p. 12), sem muita atenção ao que os educandos estão conseguindo realmente apreender. Para Rubem Alves (2003), o conhecimento precisa ter sentido e significado para nossa vida cotidiana. Para PINHEIRO (2009, 121), geralmente as aprendizagens se fazem desconectadas da realidade social do sujeito. Estudam-se na escola diversas disciplinas sem relação alguma com a vida dos estudantes.

Para Rubem Alves (2003), os conhecimentos disciplinares presentes nos conteúdos da matemática, química, física, história, linguagem e outras, precisariam estar relacionados à vida e misturar-se com as necessidades práticas do cotidiano. O garoto que captou um pássaro na árvore escreveu. *“Este pássaro gosta dessa árvore. Vejo todos os dias na hora do recreio. Acho que ele está procurando uma namorada para*

formar uma família. Não sei se ele é macho ou fêmea. Se o pássaro falasse eu ia perguntar”.

Ao observar à escrita se percebe que conhecimentos os estudantes possuem da realidade que o cerca. Conseguem relacionar seu objeto de captura a outros fatos do seu cotidiano. A menina conhece e gosta de flores. Ela não se preocupa com os nomes retrata um conhecimento a mais ao dizer que os insetos gostam de flores. Isso significa que ela percebe o seu universo e o educador pode aprofundar o conhecimento desse universo dialogando com todos para, por exemplo, identificar por que outras espécies gostam de flores, em que isso contribuiu para sobrevivência dessa espécie, de outras e dos seres humano, dentre outros.

O garoto tem 12 anos, por dificuldade na leitura e escrita está repetindo o ano. E gradativamente desenvolve melhor sua cognição. Conhece bem sua realidade e aqui lhe chama atenção um pássaro que frequenta a árvore. Conhece os animais e sabe que para se constituir uma família necessita de outro pássaro. Tudo indica que conhece sobre reprodução dos animais. Pois menciona não saber se o pássaro que gosta de ver na hora do intervalo está ou não atrás de uma ‘namorada’, se é ‘macho ou fêmea’. Interessante é que o pássaro poderia está em busca de comida para alimentar sua prole, mas o garoto propõe refletir sobre outra questão que é a reprodução da espécie e não da alimentação. Isso dar muita discussão na sala de aula e pode provocar novas produções, busca de novos conhecimentos, relação e diferença das espécies etc.

De acordo com o pensamento Vygotskyano, a zona desenvolvimento proximal, permite ao sujeito ampliar, negar ou superar um conhecimento a partir do conhecimento anterior, ou seja, para a psicologia histórico-cultural o aluno em contato com sua cultura, adquire conhecimentos que podem ser ressignificados no contexto escolar ou construir-se novos significados. Essa reflexão associa-se a outras formas de identificar o pensamento em relação ao conhecimento, onde se observa que:

A construção do conhecimento é sempre do sujeito, mas nunca dele sozinho; o homem é sempre formado pelo social (podemos dizer que ninguém aprende nada absolutamente sozinho); na relação de conhecimento tanto o sujeito como o objeto são plasmados, determinados pelo social. (VASCONCELOS, 2004, p. 103).

Essa ideia nos faz perceber que a construção do conhecimento se dar na interação dos sujeitos com o sujeito e do sujeito com o objeto estudado. Aprendemos

com os outros, com a observação do mundo que nos rodeia. Essa leitura de mundo mencionada por Freire está exposta no cotidiano de cada pessoa e, sobretudo na forma com ela faz interpretação da sua realidade. Não foi possível acompanhar o desenrolar de todo o planejamento da professora. Mas sua atitude demonstrou interesse em possibilitar aos seus educandos outras oportunidades de aprendizagem por meio de novas tecnologias, em especial por valorizar inicialmente os conhecimentos a priori dos sujeitos do campo a partir de experienciais que envolvem aspectos da cultura própria do campo e possibilita explorar uma gama de conhecimento e saberes em diversas áreas do conhecimento, historicamente sistematizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores do ensino fundamental, podem explorar os computadores em sua potencialidade e capacidade, tornando possível simular, praticar ou vivenciar situações, podendo até sugerir conjecturas abstratas, fundamentais a compreensão de um conhecimento ou modelo de conhecimento que se está construindo.

É fato e não se pode negar que novas tecnologias estão gradativamente adentrando o espaço escolar e obviamente os educandos da educação básica ou profissional tem o direito de se apropriar das inúmeras possibilidades que estes instrumentos podem possibilitar. Para isso é necessário ter profissionais qualificados para desenvolver procedimentos metodológicos críticos, criativos e dinâmicos na perspectiva de novas aprendizagens independente do computador, do celular e outro.

Constatamos no decorrer dessa temática a implantação de uma política que se materializa com a inserção de computadores nas escolas e identificamos transformações na área do currículo das universidades públicas, em particular na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira em vista de possibilitar qualificação profissional frente aos novos desafio e demandas no contexto educacional.

Na graduação em pedagogia, por exemplo, o projeto pedagógico do curso trás a oferta de disciplinas que contemplam este campo de formação em dois núcleos: núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos e um núcleo estudos integradores. No primeiro temos: Educação e Novas Tecnologias da Comunicação e Informática, Educação Profissional e Tecnológica e no segundo se destacam as disciplinas optativas

denominadas: Novas Tecnologias e Trabalho Docente, Metodologia e Prática de Ensino do Computador, Comunicação Docente e Diversidade Interlocutora, Recursos Audiovisuais na Sala de Aula. No curso de licenciatura em Educação do Campo agregou-se a disciplina: Educação Ciência e Tecnologias, Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação do Campo, dentre outras.

A inserção dessas disciplinas na formação de educadores não é suficiente. É necessária a formação continuada em serviço. Mas esta mudança curricular na formação de educadores possibilita ajuda a repensar os desafios educacionais da atualidade e no nosso caso encaminhamos os estudantes para o contexto social do campo e da cidade e o contato com a escola possibilitou analisar criticamente esse cenário identificando as dificuldades dos educadores do campo e ao mesmo tempo desvelaram situações que faz pensar que é possível se construir experiências inovadoras a partir da cultura, dos conhecimentos e saberes que cada povo desenvolve, cria, recria e reconstrói.

Dessa ação surgiu a proposta de oficinas sobre tecnologias da comunicação que foram desenvolvidas pelos estudantes e pela professora da disciplina. A oficina na Escola Familiar Rural envolveu os estudantes em um trabalho com os estudantes para não paralisar as aulas e a oficina ocorreu com os professores que desenvolveram produção de jornais, vídeo e outros.

Evidenciou-se que o debate sobre as novas tecnologias são assuntos a permearem estudos atuais e, nessa mesma lógica encontra-se a informática educativa que se caracteriza como um recurso pedagógico e um instrumento de comunicação com condições de ampliar uma variedade de conhecimentos intercalados pela capacidade criativa, crítica e dinâmica, de construir novas metodologias, de tornar possível ensinar e aprender ou vice versa, e ainda, considerar os conhecimentos curriculares historicamente construídos unificando a criação de outras formas metodológicas e didáticas que viabilize repensar o verdadeiro significado da aprendizagem a partir da identidade histórico cultural dos sujeitos do campo.

REFERENCIAS:

ALMEIDA, Fernando José de. *Educação e Informática: Os Computadores Na Escola*. São Paulo: Cortez: Editores Associados, 1987.

ALVES, Rubem. *Conversas sobre educação*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *O que é educação*. São Paulo: Artistas gráficos, 1991.

BORGES Neto, H. *Uma classificação sobre a utilização do computador pela escola*. *Revista Educação em Debate*, ano 21, v. 1, n. 27, p. 135-138, Fortaleza, 1999.

CHAVES Eduardo O C. *A tecnologia e a educação*. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Tecnologia/chaves-tecnologia.pdf> Acesso em 07 de junho de 2015.

FREIRE, Wendel (Org.). *Tecnologia e educação: as mídias na prática docente*. Rio de Janeiro; Wak Editora, 2008.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI*. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/doutorado/ptic/aulas/4520-12614-1-PB.pdf> Acesso em 07 de junho de 2015.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo osfs; CALDART, Roseli, Saleté. (Org.) *Educação do campo: Identidade e políticas públicas*. Brasília, DF: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2002.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. *O currículo e seus significados para os sujeitos ribeirinhos de uma escola multisseriada do município de Cametá*. Belém; ICED, 2009. 203 p. (Dissertação). Universidade Federal do Pará.

PORTO, Tania Maria Esperon. *As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas*. Rio de Janeiro. vol.11 nº. 31, 2006.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VASCONCELOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. São Paulo: Libertd, 2004.

VYGOTSKY, Lev. S. *Pensamento e linguagem*. Tradução Jeferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Afonso, 2005.

Edição Especial N. 10 Ano V (2016)

ISSN 2179 8443